

Algumas notas sobre a relação entre Pragmatismo e Metafísica

Some notes on the relationship between Pragmatism and Metaphysics

Palavras-chave: Pragmatismo; Metafísica; metodologia; teoria; verdade.

Keywords: Pragmatism; Metaphysics; methodology; theory; truth.

**Paulo Fernando Rocha
Antunes**

Doutorando em filosofia
pela FLUL, Lisboa, Portugal.
pauloantunes@campus.ul.pt

Resumo

O presente artigo busca evocar, em algumas notas, uma relação teórico-metodológica de certa maneira conturbada, intranquila, mas, congénita. Trata-se da relação entre o Pragmatismo e a Metafísica. Tomando o seu tom nas primárias disquisições entre ambos, com vista a poder contribuir para a dissipação de equívocos que sempre surgem invariavelmente quando se olvidam determinados fundamentos teórico-metodológicos. É proposto que se procure compreender a influência de uma herança empirista nas teses pragmatistas, que se circunscreva o Pragmatismo no âmbito geral da sua metodologia, e que se atenda a uma consagração teórica de uma certa "teoria do que significa verdade". Neste sentido, o presente artigo, com maior incidência em algumas das mais célebres passagens de Peirce e James, busca compreender em "assomo congénito" o lugar que o Pragmatismo ocupa enquanto parte da tradição Metafísica.

Abstract

This paper seeks to evoke in some notes, a theoretical and methodological relationship somehow troubled, uneasy, but congenital. It is the relationship between Pragmatism and Metaphysics. Taking its tone in the primary disquisitions between them in order to be able to contribute to the dissipation of misconceptions that invariably arise when has forgotten certain theoretical and methodological foundations. It is proposed to try to understand the influence of an empiricist heritage in pragmatist thesis, whether circumscribing Pragmatism in the general scope of its methodology, and that meets a theoretical consecration of a certain "theory of meaning truth". In this sense, the present paper, with higher incidence on some of the most famous passages of Peirce and James, try to understand in "congenital outburst" the place Pragmatism holds as part of Metaphysics tradition.

Ipseitas, São Carlos, vol. 2,
n. 1, p. 177-192, jan-jun, 2016

Some years ago, being with a camping party in the mountains, I returned from a solitary ramble to find every one engaged in a ferocious metaphysical dispute. The corpus of the dispute was a squirrel – a live squirrel supposed to be clinging to one side of a tree-trunk; while over against the tree's opposite side a human being was imagined to stand. This human witness tries to get sight of the squirrel by moving rapidly round the tree, but no matter how fast he goes, the squirrel moves as

fast in the opposite direction, and always keeps the tree between himself and the man, so that never a glimpse of him is caught. The resultant metaphysical problem now is this: Does the man go round the squirrel or not? He goes round the tree, sure enough, and the squirrel is on the tree; but does he go round the squirrel? In the unlimited leisure of the wilderness, discussion had been worn threadbare. Everyone had taken sides, and was obstinate; and the numbers on both sides were even.
JAMES, 1908

Notas preambulares

O presente artigo busca evocar, em algumas notas, uma relação teórico-metodológica de certa maneira conturbada, intranquila, mas, quanto ao nosso entendimento, congénita. Como o título indica, trata-se da relação entre o Pragmatismo e a Metafísica.

Será consabido o quão "conturbada" pode assomar qualquer relação entre uma tradição filosófica – para o caso, Metafísica, mesmo que tomada apenas em sentido geral –, e uma teoria/metodologia – para o caso, Pragmatismo, também este tomado em sentido geral –, que insista assaz na crítica daquela. Contudo, à parte as mais diversas conturbações, sempre pode existir uma ligação umbilical.

Por isso, não se dá por tempo perdido evocar, ainda que sucintamente, algumas das primárias disquisições que marcaram tal relação, uma vez que olvidá-las pode, como em certos casos, conduzir a farto campo para equívocos. Não obstante existir bastante literatura acerca do carácter "congénito", ou, pelo contrário, "disruptivo", no âmbito da relação mencionada (cf. LLOYD, 1917; HOOK, 1927; HABERMAS, 1988; RORTY, 1989; PIHLSTRÖM, 2009; entre outros).

Para o efeito, não se abordarão mais do que algumas disposições teóricas e metodológicas do Pragmatismo clássico revisitadas a propósito e a Metafísica refletirá essencialmente o ponto de vista de uma certa crítica pragmatista. A presente evocação não logrará o aprofundamento merecido tanto para um, como para a outra, tendo em conta a exiguidade do espaço que está reservado.

Remeter-se-á, no essencial, para algumas passagens que visem ilustrar a *conturbada* relação. Buscar-se-á cotejar Charles Sanders Peirce (1839-1914) e William James (1842-1910), sem descurar um ou outro apontamento com base em John Dewey (1859-1952) e, no único inglês, Ferdinand C. S. Schiller (1864-1937), buscando um sentido geral para o Pragmatismo. Contanto seja tomada em linha de conta que os autores auferiam as suas diferenças, todavia, não é possível neste espaço proceder a uma devida distinção de fundamentos, mormente entre Peirce e os outros, isto é, entre um sentido mais "lógico-semântico" deste autor e uma "genética teoria da verdade" em James, uma "teoria instrumental" em Dewey ou um "humanismo" (pragmatista) em Schiller.

O artigo também não oferece o espaço necessário para proceder a um aprofundamento dos *fundamentos ontológicos*, quanto ao nosso entendimento, sempre relevantes para uma compreensão mais profunda no campo da epistemologia e/ou de uma "teoria do que pode significar verdade".

Também não haverá espaço para um aprofundamento quanto a alguns dos seus registos hodiernos, como, por exemplo, autores que se situam em registo analítico ou pós-analítico como Nelson Goodman (1906-1998), Willard Van Orman Quine (1908-2000), Hilary Putnam (1926-) ou Richard Rorty (1931-2007), nem outros autores, em registo pragmatista mais lato, como Karl-Otto Apel (1922-) ou Jürgen Habermas (1929-), uma vez que semelhante empreendimento dispersaria o objetivo proposto.

Posto isto, tiradas todas as possíveis dispersões e aprofundamentos de impossível ensejo, a abordagem seguirá a um primeiro momento, a herança empirista do Pragmatismo; a um segundo momento, o âmbito da "conturbação" que aqui se busca evocar; a um terceiro momento, o possível alcance de uma *teoria do que significa verdade*; e, por fim, em que sentido uma relação conturbada como aquela que se anuncia pode assomar realmente como "congénita".

No trilho das origens de uma relação conturbada

A relação entre o Pragmatismo e a Metafísica dificilmente poderia deixar de ser uma *relação conturbada*, quanto ao nosso entendimento, na medida em que aquele herda os seus mais firmes traços metodológicos na tradição filosófica do Empirismo. Quer dizer, ao Pragmatismo caberia uma determinada visão do que é a Metafísica muito própria daquela tradição, aliás, muito crítica de uma Metafísica tradicional.

Dewey, por exemplo, convida a buscar as raízes vivenciais do Pragmatismo, em especial do americano, na esteira do Empirismo clássico. O autor, a propósito de um ponto nomeado precisamente de *Pragmatic America*, referia-o da seguinte maneira:

O pragmatismo americano é testemunha de que a tradição de Bacon decorrida por diversos caminhos através de Hobbes, Locke e Hume radicou-se aqui. No entanto, há um significado especial no facto desta tradição ter sido primeiramente vivida e depois tornada central por Peirce e James nos Estados Unidos [da América] (DEWEY, 1929a, III, § 17, p.544) ¹.

É, pois, de se relevar o apontamento do autor em relação às raízes e "significado especial" do Pragmatismo americano, ainda que surjam à guisa de um esclarecimento face à acusação desferida por Bertrand Russell (1872-1970) de que o "pragmatismo americano" seria uma expressão de "comercialismo" (*commercialism*, cf. RUSSELL, 1922; DEWEY, 1929a, pp.542-547). À parte o comércio, o Pragmatismo seria a filosofia própria dos americanos e uma das consequências do Empirismo.

Também não se deve ignorar o facto de que nenhum dos empiristas referidos por Dewey tivesse perfilhado, de alguma maneira, um sentido pragmatista. Porém, estes não deixam de ser recordados como uma grande influência.

Ora, os fundadores do Pragmatismo não deixaram de acentuar aquela que consideravam como uma espécie de transversalidade filosófica das ideias pragmatistas, recorde-se como tal fora enunciado no título de uma obra de James: "Pragmatismo. Um novo nome para algumas formas antigas de

¹ «American pragmatism is testimony that the tradition of Bacon carried on in divers ways by Hobbes, Locke and Hume has taken root here. Yet there is special significance in the fact that this tradition was first revived and then made central by Peirce and James in the United States».

pensar" (*Pragmatism. A new name for some old ways of thinking*, 1907) ². O que assinalava um certo "pragmatismo" já presente nas filosofias anteriores à sua definitiva formulação.

Adiante, recorde-se ainda que o Empirismo inglês, em sucintas e por isso quase sempre injustas palavras, encontrava o seu sentido numa *sofisticação* do Ceticismo (de pendor *humanista*) que a metafísica racionalista do coevo *cogito cartesiano*, e não apenas, procurara alterar ³.

Os céticos Agrippa von Nettesheim (1486-1535), Michel de Montaigne (1533-1592) e Pierre Charron (1541-1603), independentemente das idiossincrasias de cada um, e sobremaneira atacados pelo Racionalismo, seriam considerados como superados pelo Empirismo de Francis Bacon (1561-1626), Thomas Hobbes (1588-1679) e mais tarde de John Locke (1632-1704). Ainda que a relação entre o próprio Empirismo (não obstante, os empiristas não serem todos iguais) e o Ceticismo também possa assomar com alguma *conturbação* (cf. POPKIN, 1979), mas isso daria um outro artigo.

O principal alvo da tradição empirista estava numa pretensa "razão" com a qual os racionalistas pretendiam afirmar a possibilidade de conhecimento sem recurso à experiência, aos sentidos, personificada, já aludido, pelas teses cartesianas e capaz de derrubar qualquer dúvida quanto à certeza de se conhecer alguma coisa.

À Metafísica destes racionalistas, os empiristas, acusavam de buscar *causas primeiras, fins últimos*, especulando acerca de uma *natureza* comum ao existente, sem recorrer a dados empíricos, extravasando-os

A busca, de que acusavam a Metafísica, não poderia ser aceite por eles, uma vez que, pelo contrário, consideravam não poder haver *ciência, conhecimento*, sem recurso à experiência, ou seja, qualquer ofício que se apresentasse sem o seu auxílio não teria qualquer valor.

² Esta obra compila um ciclo de oito conferências do próprio autor, onde, numa destas conferências, admite ter sido responsável por trazer ao de cima a correspondente denominação – "Pragmatismo" –, apesar de Peirce ter sido o primeiro a introduzir o *princípio do pragmatismo* em *How to Make our Ideas Clear* (1878), (cf. JAMES, 1908b, p.47). Não obstante, é o próprio James que diz no respetivo *prefácio*: «O movimento pragmático, assim chamado – não gosto do nome, mas aparentemente é tarde de mais para mudá-lo – parece ter subitamente se precipitado do ar.» – «The pragmatic movement, so-called – I do not like the name, but apparently it is too late to change it – seems to have rather suddenly precipitated itself out of the air» (JAMES, 1908b, p.vii). É o mesmo autor que chamará às suas teses pragmatistas de "empirismo radical" (*radical empiricism*), (cf. JAMES 1909b, p.xii). Veja-se, ainda, como Peirce distingue as diferentes maneiras de se referir à metodologia/teoria, ora como "pragmatismo", ora como "pragmaticismo" (cf. PEIRCE, 1966, pp.180-202). Pela nossa parte, a preferência recai na definição "Pragmatismo" em relação à teoria e em "pragmatista" em relação a quem a perfilha e/ou às suas ideias.

³ René Descartes (1596-1650) é o autor usualmente dado como paradigma racionalista em oposição, este coloca como primeiro passo do seu *método* a busca de uma certeza inabalável perante qualquer dúvida: «[...] nunca aceitar qualquer coisa como verdadeira sem que a conhecesse evidentemente como tal; isto é, evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e de nada fazer constar nos meus juízos que não se apresentasse tão clara [*clair*] e distintamente [*distinctement*] ao meu espírito que não tivesse qualquer ocasião para o pôr em dúvida.» – «Le premier était de ne recevoir jamais aucune chose pour vraie que je ne la connusse évidemment être telle, c'est à-dire d'éviter soigneusement la précipitation et la prévention, et de ne comprendre rien de plus en mes jugements que ce qui se présenterait si clairement et si distinctement à mon esprit que je n'eusse aucune occasion de le mettre en doute; [...]» (DESCARTES, 1845, pp.13-15). No escopo do racionalismo cartesiano a Razão é a principal fonte do conhecimento e atesta a origem deste. O conhecimento sensível é considerado enganador. A Razão é capaz de conhecer a estrutura da realidade a partir de princípios puros de si própria (*ideias inatas*).

Veja-se como o referia David Hume (1711-1776), tomado aqui enquanto sistematizador último da tradição do Empirismo clássico, na sua *magnum opus* – *Treatise of Human Nature* (1738):

[...] se se deve considerar como um defeito da ciência do homem esta impossibilidade de explicar os princípios últimos [*ultimate principles*], ousarei afirmar que este defeito é comum a todas as ciências e a todas as artes a que nos possamos dedicar, quer sejam cultivadas nas escolas dos filósofos ou praticadas nas oficinas dos mais humildes artífices. Nenhum deles pode ir além da experiência ou estabelecer quaisquer princípios que não se fundamentem nesta autoridade (HUME, 1960, p.xxii)⁴.

O *fundamento* daquilo que é conhecido seria sempre originado pelas experiências que seriam colecionadas passivamente, e daí inferido, firmado através de um hábito (*habit*). Hume reportava o fundamento da realidade ao *hábito da mente*, ao invés da *razão*, isto é, para o resultado de uma sequência de experiências, sem, no entanto, encerrar as portas a um certo "poder oculto" (*secret power*) para lá destas (cf. HUME, 1854, pp.49-50)⁵.

O Empirismo repudiava qualquer especulação racional, por melhor "fundamentada" que pudesse (a)parecer. Ou seja, um pensador empirista não pretendia tratar *universalmente* o *ser* (realidade) enquanto *ser* (realidade)⁶.

O que quer dizer, o tronco comum da Metafísica, tomada num sentido geral, desde as suas primeiras formulações circunscrevia-se pela busca de uma compreensão daquilo que se entendesse como universal do *ser* enquanto *ser*. *Aquilo que é sê-lo-á universalmente* manifestando-se como uma natureza comum e revelando-se pelos *atributos* que lhe sejam próprios. Mas do *universal* não poderia haver experiência real.

Por isso, e principalmente de acordo com a tradição empirista, as pretensões metafísicas arrogavam, à sua iminente especulação sobre o *ser* da realidade, um caráter pretensamente científico assente na "superioridade" compreensiva de uma *natureza comum*, originária e/ou teleológica do existente (umas vezes de teor mais racionalista, outras vezes de teor mais teológico, não cabendo aqui qualquer aprofundamento de um e de outro).

⁴ «[...] if this impossibility of explaining ultimate principles should be esteemed a defect in the science of man, I will venture to affirm, that 'tis a defect common to it with all the sciences, and all the arts, in which we can employ our selves, whether they be such as are cultivated in the schools of the philosophers, or practised in the shops of the meanest artizans. None of them can go beyond experience, or establish any principles which are not founded on that authority».

⁵ Não se esqueça toda a discussão acerca do "problema da indução", discretamente presente, mas sem o ensejo para o seu aprofundamento (cf. HUME, 1960, I, III, passim).

⁶ Tome-se como exemplo oposto uma célebre passagem aristotélica: «Há uma ciência [*filosofia primeira*] que investiga o ser como ser e os atributos que lhe são próprios em virtude da sua natureza. Ora, esta [ciência] não é a mesma que as outras chamadas ciências particulares, pois nenhuma delas trata universalmente do ser enquanto ser. Dividem-no, e investigam o atributo dessa parte [...]» – «There is a science which investigates being as being and the attributes which belong to this in virtue of its own nature. Now this is not the same as any of the so-called special sciences; for none of these others treats universally of being as being. They cut off a part of being and investigate the attribute of this part [...]» (ARISTÓTELES, 1928, 1003a 21-25, toma-se a tradução inglesa para comparação por insuficiências da nossa parte em grego arcaico). É referido por Aristóteles, nesta passagem da Metafísica, que a "ciência" que investiga o "ser", a "filosofia primeira" (posteriormente denominada como Metafísica) é diversa de todas as ciências particulares, porquanto se eximem a qualquer pesquisa do universal do *ser* enquanto *ser*. O autor grego constitui um dos paradigmas mais antigos combatido por "empiristas" já no seu tempo. Contudo, outros sentidos há para a Metafísica, porém, para efeitos de comedimento e do efeito proposto, descure-se a evolução da Metafísica, por exemplo, em escopo pós-metafísico, pós-moderno, etc.

Por seu turno, o Empirismo, como tributário do Ceticismo (com o qual também estará "congenitamente" relacionado), eximia-se a qualquer afirmação sobre um princípio *primeiro, último e/ou de natureza comum*, se tal não pudesse ser conhecido a partir de uma experiência. Isto é, de experiência em experiência não se poderia conhecer o *universal*.

Como até então nada com semelhantes características (*primeiras, últimas e/ou comuns*) fora experienciado, a conduta correta a adotar seria a de uma atitude cética (umas vezes mais *radical*, outras vezes mais *mitigada*) com relação a tudo quanto não tivesse origem nos sentidos. Neste seguimento, Hume advertia:

Enquanto confinarmos as nossas especulações e *os aparecimentos* [*appearances*] de objetos aos nossos sentidos, sem entrar em disquisições no que concerne à sua real natureza e operações, nós estamos a salvo de quaisquer dificuldades, e nunca ficaremos embaraçados por qualquer questão (*grifo do autor*, HUME, 1960, p.638) ⁷.

O Pragmatismo também buscará circunscrever as suas "concepções", "especulações", aos sentidos, à experiência, todavia, assumirá uma outra *feição*...

No dealbar de uma relação conturbada

É primeiramente como uma *metodologia*, mais do que como uma *teoria*, que o Pragmatismo se procurava impor contra as "disquisições metafísicas" (que, tal como no Empirismo, considerava extravasar os *sentidos*),

É, pois, inegável o sentido *metodológico* que o Pragmatismo procurou afirmar, como pode ser constatado em James: «[...] [O Pragmatismo] não exige nenhuns resultados especiais. É apenas um método» (*it does not stand for any special results. It is a method only*, JAMES, 1908b, p.51); ou como referia Peirce, dizendo que os outros métodos teriam a "vantagem" de "dar" uma "verdade", mas que este (Pragmatismo), o *lógico, científico*, não, pois apenas indicaria a investigação e o rumo *experimental* para a (re)formação dos hábitos (*habits*, cf. PEIRCE, 1955d, pp.21-22). Como este autor confirmava:

[O Pragmatismo] vai servir para mostrar que quase toda a proposição da metafísica ontológica ou é um jargão sem sentido [*meaningless gibberish*] – uma palavra a ser definida por outras palavras, e estas ainda por outras, sem qualquer concepção real, alguma vez a ser alcançada – ou então é francamente absurda; de modo que todo esse lixo esteja a ser varrido, o que permanecerá da filosofia será uma série de problemas capazes de investigação pelos métodos observacionais das verdadeiras ciências [*true sciences*] [...] (PEIRCE, 1955c, p.259) ⁸.

Segundo este autor, o Pragmatismo serviria para distinguir o "trigo do joio", passe a expressão popular, pois quanto à Metafísica cabia-lhe a grossa parte do "joio", do "jargão sem sentido". Tendo em consideração

⁷ «As long as we confine our speculations to *the appearances* of objects to our senses, without entering into disquisitions concerning their real nature and operations, we are safe from all difficulties, and can never be embarrass'd by any question».

⁸ «It will serve to show that almost every proposition of ontological metaphysics is either meaningless gibberish – one word being defined by other words, and they by still others, without any real conception ever being reached – or else is downright absurd; so that all such rubbish being swept away, what will remain of philosophy will be a series of problems capable of investigation by the observational methods of the true sciences [...]».

de que as "verdadeiras ciências" estariam firmadas na *experiência* como momento necessário para *comprovação*.

Mas, como anunciado, o Pragmatismo não herdava os seus princípios metodológicos da tradição empirista sem conferir uma outra *feição*. A *experiência* serviria, aqui, a *comprovação* das "concepções prévias" do sujeito, uma vez que sem o devido experienciar (*prático*) da teoria concebida esta não passaria de uma ociosa especulação.

Veja-se então a conhecida máxima do Pragmatismo, inauguralmente formulada por Peirce no seu texto fundador – *How to Make our Ideas Clear*:

Considerando quais os efeitos que conceivelmente [*conceivably*] podem ter implicações práticas [*practical bearings*], nós concebemos o objeto que a nossa concepção tem. Então, a nossa concepção destes efeitos é o todo [*whole*] da nossa concepção do objeto (PEIRCE, 1955a, p.31) ⁹.

O autor confirmava a necessidade *prática* (experiência) no ato de conhecimento, mesmo que fosse somente no que dissesse respeito à comprovação de uma "concepção". Neste caso, o sujeito assumia um considerável *poder* no que o objeto é, fazendo recair sobre o objeto a verificação (*verification*) prática daquilo que *concebesse* do mesmo.

Ei-la aí, a outra *feição* que o Pragmatismo traria ao Empirismo – um fundamento ativo, um determinado *poder* do sujeito sobre o objeto, já não é o objeto que determina de antemão, agora são co-determinantes ¹⁰.

Deste modo, competiria ao sujeito conceber (*conceive*) de alguma maneira quais as consequências, os efeitos (*effects*), possíveis do objeto, e o sujeito concebê-lo-ia projetando um propósito (*purpose*) a comprovar no objeto. Competiria ativamente ao sujeito produzir "hábitos de ação" (produzidos por "atos da imaginação").

Aqui, o *hábito* (bem como a *imaginação* que o produz), ao contrário do que acontecia em Hume, já não será resultado de uma passiva "coleção" de experiências, mas o resultado de uma *atividade* do sujeito. Veja-se como Peirce o defendia: «[...] toda a função do pensamento [*thought*] é produzir hábitos de ação [*habits of action*]; e que tudo o que quer que esteja conectado com um pensamento, mas irrelevante para o seu propósito [*purpose*], é um acréscimo [*accretion*] a ele, mas nenhuma parte dele» (PEIRCE, 1955a, p.30) ¹¹.

⁹ «Consider what effects that might conceivably have practical bearings we conceive the object of our conception to have. Then, our conception of these effects is the whole of our conception of the object».

¹⁰ Tome-se a seguinte passagem de James como exemplo: «Ela [a fé] pode ser considerada como um fator de formação no universo, se somos partes integrantes deste e co-determinantes [*co-determinants*], através do nosso comportamento, daquilo que o seu caráter por inteiro [*total character*] pode ser.» – «It may be regarded as a formative factor in the universe, if we be integral parts thereof and co-determinants, by our behavior, of what its total character may be» (*grifo nosso*, JAMES, 1916, p.225). O objeto não passou para segundo plano, não é o sujeito que o cria. Sujeito e objeto são co-determinantes. Com isto, não se ignora a epistemologia essencialmente *passiva* da Modernidade, a realidade era dada pelas representações recebidas, ora, empírica, ora racionalmente, conforme o perfil filosófico defendido. Nem se ignora a ulterior mudança de paradigma, desenvolvida ao longo do século XIX. Não obstante, não cabe aprofundá-lo no âmbito do objetivo proposto, tal ficará para cotejos posteriores.

¹¹ «[...] the whole function of thought is to produce habits of action; and that whatever there is connected with a thought, but irrelevant to its purpose, is an accretion to it, but no part of it». O autor referia, ainda, num outro lugar: «[...] estou convencido de que nada como um conceito pode ser adquirido sozinho pela prática muscular [*muscular practice*]. Quando parece que

Estes *hábitos* serão estabelecidos pela crença (*belief*) – “estádio de ação mental”, cujo primacial propósito era apaziguar a “irritação da dúvida” (*irritation of doubt*) –, com vista a superar um estado de ceticismo incapacitante, sem extravasar a experiência. Esta “dúvida” é o *motivo* para pensar, e o seu exercício tem como resultado final o “exercício da volição” (*exercise of volition*), melhor dizer, uma “regra de ação”. Observe-se a seguinte passagem:

[...] [a crença] é algo que envolve o estabelecimento na nossa natureza de uma regra de ação [*rule of action*], ou, digamos abreviadamente, um *hábito*. Como apazigua a irritação da dúvida, que é o motivo para pensar, o pensamento relaxa, e vem para o repouso [*to rest*] por um momento quando a crença é alcançada. Mas, uma vez que a crença é uma regra de ação, cuja aplicação envolve mais dúvidas e mais pensamento, ao mesmo tempo que é um local de paragem [*stopping-place*], é também um novo ponto de partida [*starting-place*] para o pensamento. É por isso que me tenho permitido chamá-lo pensamento em repouso [*thought at rest*], embora o pensamento seja essencialmente uma ação. O resultado *final* do pensar é o exercício da volição, e daquele pensamento já não faz parte; entretanto a crença é apenas um estágio de ação mental, um efeito sobre a nossa natureza devido ao pensamento, o que irá influenciar o pensar futuro (*grifo do autor*, PEIRCE, 1955a, pp.28-29)¹².

O *hábito* não seria mais do que um estímulo à *prática*, uma descida ao tangível (*tangible*) e concebivelmente prático (*conceivably practical*)¹³. Desta maneira, ao enunciar que todos os *propósitos* serviam para produzir

estamos a fazer isso, não é a ação muscular, mas os esforços internos que acompanham, os atos da imaginação [*acts of imagination*], que produzem o hábito [*habit*].» – «[...] I am persuaded that nothing like a concept can be acquired by muscular practice alone. When we seem to do that, it is not the muscular action but the accompanying inward efforts, the acts of imagination, that produce the habit» (PEIRCE, 1955b, p.279).

¹² «[...] [the belief] it involves the establishment in our nature of a rule of action, or, say for short, a *habit*. As it appeases the irritation of doubt, which is the motive for thinking, thought relaxes, and comes to rest for a moment when belief is reached. But, since belief is a rule for action, the application of which involves further doubt and further thought, at the same time that it is a stopping-place, it is also a new starting-place for thought. That is why I have permitted myself to call it thought at rest, although thought is essentially an action. The *final* upshot of thinking is the exercise of volition, and of this thought no longer forms a part; but belief is only a stadium of mental action, an effect upon our nature due to thought, which will influence future thinking». Ainda antes o autor dizia: «O pensamento em ação tem como seu único motivo possível a consecução [*attainment*] do pensamento em repouso [*thought at rest*]; e tudo o que não se refere à crença [*belief*] não é parte do próprio pensamento.» – «Thought in action has for its only possible motive the attainment of thought at rest; and whatever does not refer to belief is no part of the thought itself» (PEIRCE, 1955a, p.28). Ou seja, não é *pensamento* se não estiver ligado à crença, a crença é o “pensamento em repouso” que deve ser realizado pelo “pensamento em ação”, e se não for direcionado para que haja uma *crença* ou se não a for, não é *pensamento*.

¹³ «Quanto ao *quando*, cada estímulo à ação é derivado da percepção [*derived from perception*]; quanto ao *como*, todos os propósitos de ação [*purpose of action*] são para produzir algum resultado sensível [*sensible result*]. Assim, nós descemos ao que é tangível [*tangible*] e concebivelmente prático [*conceivably practical*], como a raiz de toda a real distinção do pensamento [*thought*], não importa o quão subtil possa ser; e não há distinção de significado [*distinction of meaning*] tão boa como consistindo em qualquer coisa, senão numa possível diferença da prática [*difference of practice*].» – «[...] What the habit is depends on *when* and *how* it causes us to act. As for the *when*, every stimulus to action is derived from perception; as for the *how*, every purpose of action is to produce some sensible result. Thus, we come down to what is tangible and conceivably practical, as the root of every real distinction of thought, no matter how subtle it may be; and there is no distinction of meaning so fine as to consist in anything but a possible difference of practice» (PEIRCE, 1955a, p.30).

um *resultado sensível*, Peirce acabava por anunciar toda a dimensão "instrumentalista" que viria a permear a teoria pragmatista.

Veja-se como James o estabelecia: «Assim *as teorias tornam-se instrumentos, não respostas a enigmas sobre as quais possamos descansar*» (*Theories thus become instruments, not answers to enigmas, in which we can rest*, JAMES, 1908b, p.53). Destarte, o Pragmatismo *desafeiçoava-se* da *passividade* eminentemente contida no Empirismo clássico, porquanto, apenas na "prática", na experiência sujeito-objeto, poderia ser verificada (*verified*) alguma "verdade".

O Pragmatismo afirmava a *prática* como *critério* para haver conhecimento. Assim se circunscrevia metodologicamente, não exigindo "resultados especiais" para tal esforço, mas também, por outro lado, se anunciava teoricamente, alargando o seu horizonte a uma certa noção de "verdade".

Como confirmava James: «[...] o âmbito do pragmatismo – em primeiro lugar, um método; e em segundo lugar, uma teoria genética [*genetic theory*] do que se significa por verdade» (*the scope of pragmatism – first, a method; and second, a genetic theory of what is meant by truth*, JAMES, 1908b, pp.65–66). Aqui, metodológica e teoricamente, se (con)firmará a sua *relação conturbada*.

No seio de uma *relação conturbada*: uma "teoria do que significa verdade"

Para o Pragmatismo a "verdade" tratava de uma diferença prática (até metodológica...): «Se não se pode circunstanciar nenhuma diferença prática, então as alternativas significam praticamente [*mean practically*] a mesma coisa, e toda a disputa é ociosa» (*If no practical difference whatever can be traced, then the alternatives mean practically the same thing, and all dispute is idle*, JAMES, 1908b, p.45).

Quanto à Metafísica, que para os pragmatistas geralmente redundava em tal *ociosidade*, não poderia haver qualquer *prática* que comprovasse as suas especulações. Como referia Dewey:

[...] nada é realmente conhecido até que opere [*operates*] na vida comum. Qualquer outra atitude é claramente uma fé, não uma demonstração. Só pode ser demonstrado nos seus funcionamentos [*works*], nos seus frutos. Portanto, não é uma coisa fácil. *Compromete-nos com uma tarefa extremamente difícil. Talvez a tarefa seja demasiado difícil para a natureza humana* (grifos nossos, DEWEY, 1929a, III, § 17, p.545)¹⁴.

O Pragmatismo procurava afirmar-se essencialmente como uma metodologia, uma vez que ir além disso poderia significar extravasar as capacidades humanas. Daí que o Pragmatismo se afirmasse também como "noção reguladora" (*regulative notion*), ao menos capaz de colocar "proposições condicionais" (*conditional propositions*) com vista à consecução da *verificação*. Como dizia James:

Esta noção reguladora de uma verdade potencialmente melhor a ser estabelecida mais tarde, possivelmente a ser estabelecida algum dia absolutamente tendo poderes enquanto legislação retroativa, vira-se,

¹⁴ «[...] nothing is really known till it operates in the common life. Any such attitude is clearly a faith, not a demonstration. It too can be demonstrated only in its works, its fruits. Therefore it is not a facile thing. It commits us to a supremely difficult task. Perhaps the task is too hard for human nature».

como todas as noções pragmatistas, para a concretude dos factos e rumo ao futuro (JAMES, 1908a, p.224) ¹⁵.

Assim, ao anunciar um *propósito* (projetivo) do sujeito, com vista a ser *comprovado* (no futuro), o Pragmatismo ruma definitivamente do seu horizonte *metodológico* para o seu alcance mais *teórico – metafísico* –, visto que é sempre necessária alguma *verdade* para efeitos de uma *comprovação prática*.

O Pragmatismo seria considerado por James, também, como uma "teoria genética [*genetic theory*] do que se significa por verdade". O que poderia conduzir às questões: *qual a génese da verdade? Como se pode afirmar a "verdade" do que quer que seja, tendo em conta o carácter determinante que a experiência singular de cada sujeito assume?*

Observe-se, apesar de tudo, para o autor não existia uma "verdade objetiva", absoluta, na medida em que não existia qualquer "verdade" para além de uma *experiência* individual, e o único motivo pelo qual se chamam "verdadeiras" às coisas era porque "casavam" a *experiência passada* com a *nova* ¹⁶. Então, o ser "verdadeiro" seria apenas *dado* particularmente, relativo à experiência, à sua ativa coleção.

O espaço para a "verdade" não poderia ser mais do que a *particularidade*, e, para o efeito, o resultado de uma "coleção de particularidades". Estas deveriam ser tidas em consideração, uma nova experiência deveria seguir a *coerência* das anteriores e não consistir em nada de muito excêntrico (*excentric*) que pudesse vir abalar a ordem das coisas (cf. JAMES, 1908b, pp-60-61).

O Pragmatismo levaria em consideração os *propósitos* concebidos pelos sujeitos dentro da "ordem das coisas", das experiências "coleccionadas". O "dever" (*duty*) de cada sujeito de obter a "verdade" estaria assim ligado a razões práticas que propiciassem uma melhor "satisfação vital".

A *prática* e assim, a "verdade", confirmava-se *instrumental*, uma vez que não possuiria carácter *objetivo*, pois estaria no *dado* a verificar, ao coincidir com os *propósitos* dos sujeitos. A *prática* deveria consistir em algo útil, assim se deveria *realizar e verificar* nos seus *efeitos*. Enunciava James:

¹⁵ «This regulative notion of a potential better truth to be established later, possibly to be established some day absolutely, and having powers of retroactive legislation, turns its face, like all pragmatist notions, towards concreteness of fact, and towards the future». Veja-se como Peirce o referia, uns anos antes, no mesmo sentido, mas numa toada semântica *orientada para o futuro*: «Aquilo que qualquer proposição verdadeira afirma é *real*, no sentido de ser como é, independentemente do que tu ou eu possamos pensar sobre isso. Deixe-se esta proposição ser uma proposição condicional em geral para o futuro, e é um geral real tal como é realmente calculado para influenciar a conduta humana; [...]» - «That which any true proposition asserts is *real*, in the sense of being as it is regardless of what you or I may think about it. Let this proposition be a general conditional proposition as to the future, and it is a real general such as is calculated really to influence human conduct; [...]» (PEIRCE, 1955c, p.265).

¹⁶ James dizia: «Verdades puramente objetivas [*purely objective truth*], verdades em cujo estabelecimento a função de produzir satisfação humana, através do casamento de partes prévias da experiência com partes novas, não tenha tido qualquer papel, em lado nenhum podem ser encontradas. As razões pelas quais chamamos verdades verdadeiras [*true*] às coisas é a razão pela qual elas *são* verdadeiras, porque o "ser verdadeiro" *significa* apenas executar esta função-de-casamento [*marriage-function*].» - «Purely objective truth, truth in whose establishment the function of giving human satisfaction in marrying previous parts of experience with newer parts played no rôle whatever, is nowhere to be found. The reasons why we call things true is the reason why they *are* true, for "to be true" *means* only to perform this marriage-function» (JAMES, 1908b, p.64).

[...] a posse de pensamentos verdadeiros significa em toda a parte a posse de inestimáveis instrumentos de ação [*instruments of action*]; e de que o nosso dever de obter a verdade, longe de ser um comando vazio vindo do nada, ou um "fascínio" auto-imposto pelo nosso intelecto, conta com excelentes razões práticas. [...] A posse da verdade, longe de ser um fim em si mesmo, é apenas um meio preliminar relativamente a outras satisfações vitais [*vital satisfactions*] (JAMES, 1908a, pp.202-203)¹⁷.

Um outro caráter que assim se confirmava indelevelmente na "teoria da verdade" pragmatista seria o de uma "expediência" (*expediency*) prática, ou seja, teria de haver uma certa *eficácia* da mesma para o seu efeito poder ser considerado como *verdadeiro*. Como referia James, a verdade seria condicional à sua *expediência*: «[...] as verdades concretas no plural precisam de ser reconhecidas só quando o seu reconhecimento é expediente [*expediente*]» (*concrete truths in the plural need be recognized only when their recognition is expedient*, JAMES, 1908a, p.232).

Pois não se poderia crer que uma *ação instrumental* pudesse ser igualmente considerada se acaso fosse mal sucedida. Para o Pragmatismo o sujeito realizava a ação com vista a perfazer (*performing*) o seu propósito (*purpose*), algo útil, *expediente* (logo, concebivelmente verdadeiro).

Posto isto, para que a "verdade" evitasse um viés de caráter arbitrário, teria de lograr, de alguma maneira, uma certa consideração dos restantes sujeitos (uma vez que à mesma escapava qualquer caráter objetivo). É neste âmbito que a "verdade" adquire o delineamento de um certo "consenso intersubjetivo", mais precisamente, de um "processo de orientação" (*process of leading*, cf. JAMES, 1908a, p.218).

Este *processo*, admitindo-se por igual em cada sujeito, assomaria sobejamente "compensador", uma vez que a *utilidade* para um sujeito não poderia colidir com a *utilidade* para outro sujeito, e a "coleção" de experiências individual adquiriria *maior riqueza* quando somada à "coleção" de experiências da maior parte.

O que quer dizer que no comércio (*commerce*) de *verificação* de cada sujeito, a "verdade" *realizada*, traria vantagens. Como (con)firmava James: «A nossa consideração sobre a verdade é uma consideração sobre as verdades no plural [*truths in the plural*], de processos de orientação, efetuados *in rebus* [em negócio], e tendo apenas uma qualidade em comum, a de *compensarem* [*pay*]»¹⁸.

¹⁷ «[...] the possession of true thoughts means everywhere the possession of invaluable instruments of action; and that our duty to gain truth, so far from being a blank command from out of the blue, or a "stunt" self-imposed by our intellect, can account for itself by excellent practical reasons. [...] The possession of truth, so far from being here an end in itself, is only a preliminary means towards other vital satisfactions». Com efeito, o autor referia-se ainda à "verdade", aludindo àquilo que considerava ser a "explicação pragmatista do sentido de verdade" em Schiller e Dewey, da seguinte maneira: «Qualquer ideia sobre a qual possamos montar, por assim dizer; qualquer ideia que nos transporte prosperamente de uma a outra parte da nossa experiência, ligando as coisas satisfatoriamente, funcionando seguramente, simplificadamente, poupando trabalho; é verdadeira precisamente por isso, nessa mesma medida, verdadeira *instrumentalmente* [*true instrumentally*].» - «Any idea upon which we can ride, so to speak; any idea that will carry us prosperously from any one part of our experience to any other part, linking things satisfactorily, working securely, simplifying, saving labor; is true for just so much, true in so far forth, true *instrumentally*» (JAMES, 1908a, p.58).

¹⁸ «Our account of truth is an account of truths in the plural, of processes of leading, realized *in rebus*, and having only this quality in common, that they *pay*» (JAMES, 1908a, p.218). O autor referia ainda: «De facto, a verdade assenta na maior parte dos casos num sistema de

Então, o Pragmatismo (con)firma-se essencialmente enquanto *teoria do que significava verdade*, isto é, a sua metodologia – “noção reguladora” (*regulative notion*) – teria por missão regular uma certa *noção metafísica* do que se *concebe*, bem como da “verdade” *comprovada*. Quer isto dizer, garantir um método regulador para os *propósitos* (teóricos) dos sujeitos, para que não houvesse um extravasamento (rumo a uma “verdade absoluta”) além dos sentidos (como na Metafísica) e para que não houvesse colisão com o *concebido* pelos outros sujeitos.

Notas finais: o assomo congénito para uma *relação conturbada*

Como referido em nota preambular a relação entre o Pragmatismo e a Metafísica seria *conturbada*, mas *congénita*. O que apontava, mais propriamente, no sentido de que a teoria pragmatista não deixaria de ser ela mesma uma *teoria metafísica*, por mais que a condenasse em certos momentos. O que se parece ter confirmado, porém, assaz distante de uma Metafísica tradicional (bem como de outros desenvolvimentos posteriores).

Veja-se, apesar de herdar a crítica de uma Metafísica, um certo ceticismo e a *investigação experiência a experiência* do Empirismo, o Pragmatismo não deixava (se calhar como aquele..) de estar umbilicalmente ligado à Metafísica. Porém, a questão estaria mais em que sentido o Pragmatismo também seria uma *metafísica*.

É, pois, quanto ao nosso entendimento, enquanto “teoria da verdade” ou “do que significa verdade” que o Pragmatismo se (con)firma propriamente enquanto *metafísica*, embora seja já enquanto metodologia que o anuncia. O que não quer dizer que toda e qualquer investigação que vise a (ou uma) “verdade” tenha de ser necessariamente *metafísica*.

Adiante, não é por acaso que James dizia: «O método pragmatista é primeiramente um método de resolução das disputas metafísicas, que de outra maneira poderiam ser intermináveis» (JAMES, 1908b, p.45) ¹⁹.

crédito [*credit system*]. Os nossos pensamentos e crenças [*beliefs*] “passam”, desde que nada os conteste, tal como as notas de banco passam desde que ninguém as recuse. Mas tudo isto aponta para alguma forma de verificação direta cara-a-cara, sem a qual o edifício da verdade [*fabric of truth*] colapsa como um sistema financeiro sem qualquer base solvente. Vós aceitais a minha verificação de uma coisa, eu aceito a vossa verificação de outra [coisa]. Comercializamos com as verdades uns dos outros. Mas as crenças verificadas concretamente por *alguém* são os pilares de toda a superestrutura.» – «Truth lives, in fact, for the most part on a credit system. Our thoughts and beliefs “pass”, so long as nothing challenges them, just as bank-notes pass so long as nobody refuses them. But this all points to direct face-to-face verifications somewhere, without which the fabric of truth collapses like a financial system with no cash-basis whatever. You accept my verification of one thing, I yours of another. We trade on each other’s truth. But beliefs verified concretely by *somebody* are the posts of the whole superstructure» (JAMES, 1908a, pp.207-208). Observe-se ainda como Peirce o aludia no seu texto fundador: «A opinião que está fadada para ser em última análise acordada [*ultimately agreed*] por todos os que investigam, é o que significamos por verdade [*truth*], e o objeto representado nesta opinião é o real. Esta é a maneira como explicaria a realidade.» – «The opinion which is fated to be ultimately agreed to by all who investigate, is what we mean by the truth, and the object represented in this opinion is the real. That is the way I would explain reality» (PEIRCE, 1955a, p.38). Assim ficaria “exarado”, mesmo que nas passagens seguintes o autor procurasse mitigar esta diluição, num consenso entre sujeitos, da própria realidade.

¹⁹ «The pragmatic method is primarily a method of settling metaphysical disputes that otherwise might be interminable».

Remete-se agora para a passagem completa citada em epígrafe (cf. JAMES, 1908b, pp.44-45)²⁰, de onde a citação anterior é sequência. Quer dizer, para que um problema metafísico não se tornasse uma "disputa interminável", sem fim à vista, por mais inusitado, quicá ocioso, que se apresentasse (como o *exemplo do esquilo*), dever-se-ia ter em conta o caráter *prático, expediente* (do Pragmatismo), com vista a um desempate, e se tal não viesse a suceder, então que se procedesse em *suspensão até experiência futura*.

Todavia, para todos os efeitos seguir-se-ia a saída mais "pragmática" para não se ficar sem nada saber ou fazer, seguir-se-ia a *experiência* que funcionasse (*works*), mesmo que fosse apenas em sentido *condicional*. Uma vez que só uma *metafísica sem regulação* poderia almejar uma *verdade absoluta e final*, segundo acusavam os pragmatistas.

Assim, o Pragmatismo assoma como uma *metafísica* essencialmente *metodológica prática*, orientada para o *futuro – especula, verifica e/ou suspende* no que concerne à *realidade*, até a qualquer *verdade –*, tendo em conta a sua "instrumentalidade".

Talvez poucas passagens ilustrem tão bem o sentido de uma *metafísica metodológica* no sentido apontado quanto a que se segue do pragmatista Schiller, aquando de *The Definition of Pragmatism and Humanism*:

Uma tal metafísica válida não existe no presente. Mas não há nenhuma razão para que não deva vir a existir. Pode ser construída parcelarmente pouco a pouco, pela descoberta de que as verdades que têm sido encontradas como úteis nas ciências podem ser vantajosamente tomadas como últimas, e combinadas num sistema cada vez mais harmonioso. [...] O procedimento de construção de uma metafísica válida deve ser essencialmente "indutivo", e gradual no seu desenvolvimento. *Uma metafísica perfeita e completa é apenas um ideal definido por aproximação, e atingível apenas pelo aperfeiçoamento da vida. Por isso, seria a teoria de uma vida tão perfeita, que ninguém ainda está preparado [contriving] para viver (grifos nossos, SCHILLER, 1912, §1, pp.20-21)*²¹.

Estava confirmado o *leitmotiv* programático do Pragmatismo. Competia ao sujeito conceber *metafisicamente* os seus *propósitos*, uma vez que estes não dimanam nem se forjam através de uma *prática* (por exemplo, num outro sentido que não seja a de um *pensamento em ato projetivo* e

²⁰ Coloca-se agora a tradução, que se encontrava em falta, da epígrafe: «Alguns anos atrás, estando num acampamento nas montanhas, retornei de um passeio solitário e encontrei toda a gente envolvida em uma feroz disputa metafísica. O *corpus* da disputa era um esquilo – um esquilo vivo deveria estar agarrado a um lado de um tronco de árvore; enquanto defronte da árvore no lado oposto imaginava-se estar um ser humano. Esta testemunha humana tenta vislumbrar o esquilo, movendo-se rapidamente em volta da árvore, mas não importa o quão rápido ele se move, pois o esquilo move-se tão rápido na direção oposta, e mantém sempre a árvore entre ele e o homem, de modo que nunca mais um vislumbre dele é capturado. O problema metafísico resultante agora é este: *Será que o homem anda à volta do esquilo ou não?* Ele anda em torno da árvore, com certeza, e o esquilo está na árvore; mas será que ele anda à volta do esquilo? Na ilimitada ociosidade do campo, a discussão tinha sido esgotada. Toda a gente tinha tomado o seu lado, e estava obstinado; e os números de ambos os lados empataram».

²¹ «Such a valid metaphysic does not exist at present. But there is no reason why it should not come into being. It can be built up piecemeal bit by bit, by the discovery that truths which have been found useful in the sciences may be advantageously taken as ultimate, and combined into a more and more harmonious system. [...] The procedure of a valid metaphysical construction must be essentially "inductive", and gradual in its development. For a perfect and complete metaphysic is an ideal defined only by approximation, and attainable only by the perfecting of life. For it would be the theory of such a perfect life, which no one as yet is contriving to live».

co-determinado), antes, os *propósitos* são essencialmente independentes da *prática* e apenas posteriormente vêm a precisar da sua *comprovação*²².

Mais uma vez, qualquer ambição que o extravasasse assemelhava-se muito difícil para as capacidades humanas coetâneas.

Neste sentido, para que a *metafísica congénita* à teoria pragmatista assomasse enquanto "válida" e não extravasasse o *concebelemente* prático, ou redundasse numa *metafísica sem regulação*, requereria sempre a "experiência possível", requeria uma *construção parcelar, pouco a pouco*. Seria este o seu caráter *metafísico regulador* (metodológico)²³.

Apesar de o Pragmatismo procurar uma saída para os problemas metafísicos considerados irresolúveis – ao buscar não aquilo que pudesse ser resultado de uma especulação extravasante, mas sim resultado do experienciado pelos sentidos, sempre *projetado* pelos *propósitos* do sujeito, com vista ao "verdadeiro" (subjetivo, mas também intersubjetivo) –, o Pragmatismo não deixava de ser uma *metafísica*, por sua vez, *metodológica prática* (de caráter cético *regulador*), reitera-se, mas também, e não pode cair em esquecimento, *instrumental*²⁴.

Em suma, a relação entre o Pragmatismo e a Metafísica assoma, no essencial, como uma *relação congénita*, tanto nos seus *fundamentos metodológicos* como também nos seus *fundamentos teóricos*, não porque

²² O Pragmatismo acaba por confirmar uma relação, também ela *conturbada*, entre a *teoria* e a *prática*, embora não exista (assumidamente) uma separação entre ambas (a segunda deve *comprovar* "praticamente" a "verdade" da primeira, mas a primeira *antecipa* os efeitos da segunda de uma forma independente), deste modo, a *prática* como *comprovação* da *verdade* não passa de uma *projetada* experimentação, em primeira instância, preenchendo os anseios teórico-metafísicos e, em última instância, apenas se cumprindo se não violentar demasiadamente os hábitos "coleccionados" daquela. O que levantaria uma série de outros problemas que aqui não cabem dirimir.

²³ Quanto a isto, o Pragmatismo também encontra parte das suas mais profundas raízes no *criticismo* de Immanuel Kant (1724-1804): «[...] os postulados do pensamento empírico [...] são somente princípios reguladores [...]» – «[...] den Postulaten des empirischen Denkens [...] sie nur regulative Grundsätze sind [...]» (KANT, 1880, B 223, pp.170-171). Também porque depois deste autor a Metafísica não poderia voltar a ser o que fora. Não obstante, os pragmatistas também foram profundos críticos da "coisa em si" (*Ding an sich*) kantiana, e talvez por causa disso mesmo tenham sido também tributários de Georg W. F. Hegel (1770-1831), deste modo, a metodologia pragmatista dificilmente poderia escapar a uma certa "teoria da verdade" (cf. PEIRCE, 1955c, pp.266-267).

²⁴ Ainda que os seus autores de vez em quando não se eximam a proferir algumas palavras mais ousadas, veja-se, por exemplo, a seguinte passagem de Peirce: «[...] todo o homem habita dois mundos. Estes são diretamente distinguíveis pelas suas diferentes aparências. Mas a maior diferença entre ambos, de longe, é que um destes dois mundos, o Mundo Interior [*Inner World*], exerce comparativamente uma ligeira compulsão sobre nós, embora nós possamos, através de esforços diretos tão ligeiros a ponto de serem quase imperceptíveis, mudá-lo bastante, criando e destruindo objetos existentes nele; enquanto o outro mundo, o Mundo Exterior [*Outer World*], está cheio de compulsões irresistíveis para nós, e nós não podemos modificá-lo minimamente, expeto por um tipo peculiar de esforço, o esforço muscular, mas muito ligeiramente mesmo dessa forma.» – «[...] every man inhabits two worlds. These are directly distinguishable by their different appearances. But the greatest difference between them, by far, is that one of these two worlds, the Inner World, exerts a comparatively slight compulsion upon us, though we can, by direct efforts so slight as to be hardly noticeable, change it greatly, creating and destroying existent objects in it; while the other world, the Outer World, is full of irresistible compulsions for us, and we cannot modify it in the least, except by one peculiar kind of effort, muscular effort, and but very slightly even in that way» (PEIRCE, 1955b, p.276). O sentido peirceano é o de um *dualismo* como condição provisória para a investigação, e de certa forma, paradoxalmente, talvez à guisa de um extravasamento metodológico e até teórico se tivermos em consideração as suas principais teses.

a Metafísica seja somente o que aqui pôde ser enunciado como tal, mas porque também aqui os pragmatistas conferiram uma outra *feição* – “instrumentalista”. O Pragmatismo é essencialmente *metafísico* porque visa *comprovar* posteriormente uma *conceção* que é de certa maneira independente e anterior à prática tal como a concebem; a *prática*, pretensamente primária ou paritária, acaba secundarizada e tudo o que mais importa deve ter *valor instrumental (compensador)* para o sujeito²⁵.

Crê-se que os fundadores do Pragmatismo não se ofenderiam minimamente com as considerações que apontam a uma *relação congénita* com a Metafísica, uma vez que as origens das primeiras formulações da sua teoria remontam aos tempos do “The Metaphysical Club”, clube ao qual alguns destes pensadores pertenceram²⁶. Quanto às considerações que apontam a um “instrumentalismo” tal como se destacou, aí, seguramente, a controvérsia dar-se-ia, pelo menos, com alguns deles.

Apesar de tudo isto, ...*o homem anda à volta do esquilo ou não? (Does the man go round the squirrel or not?)*.

Bibliografia

ARISTÓTELES. *Metaphysics*. In: *The Works of Aristotle*, translated into english under the editorship of W. D. Ross, M.A., Hon. LL.D. (edin.). Vol. XIII. 2.^a ed. London et al: Oxford University Press, 1928.

DESCARTES, R. (1637) *Discours de la méthode*. Paris: Ernest Flammarion, Éditeur, 1845.

DEWEY, J. *Characters And Events. Popular Essays in Social And Political Philosophy*. Vol. II. New York: Henry Holt and Company, 1929a.

_____. *Experience and Nature*. London: George Allen & Unwin, Ltd., 1929b.

HABERMAS, J. *Nachmetaphysisches Denken. Philosophische Aufsätze*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1988.

HOOK, S. *The Metaphysics of Pragmatism*. Chicago: The Open court publishing company, 1927.

HUME, D. (1748) *An Inquiry Concerning the Human Understanding*. In: *Philosophical Works of David Hume, in Four Volumes*. Vol. IV, pp.1-226. Boston-Edimburgh: Little, Brown and Company-Adam and Charles Black, 1854.

_____. *Treatise of Human Nature*. London: Oxford University Press, reprinted 1960.

JAMES, W. *A Pluralistic Universe. Hibbert Lectures at Manchester College on the Present Situation in Philosophy*. London, New York, Bombay and Calcutta: Longmans, Green, and Co., 1909a.

²⁵ O que não quer dizer que toda a prática anteposta a uma conceção possa ser considerada por si só não-metafísica, porém, pode-se dizer que, em nosso entendimento, as conceções que se antepõem de certa maneira (ou que se co-determinam) à prática tendem para um viés metafísico. Mas como fora referido na nota 22, tudo isto levantaria uma série de outros problemas que aqui não cabem dirimir, aqui, apenas cabia evocar o caráter congénito da relação anunciada.

²⁶ Este clube mereceu uma detalhada atenção num outro espaço, mas aqui não encontra o seu devido lugar (cf. MENAND, 2001). Para um maior aprofundamento de uma *metafísica metodológica*, vejam-se os ensaios em *A Pluralistic Universe* (1909) e *Experience and Nature* (1925), de James e Dewey, respetivamente.

_____. "Faith and the Right to Believe (Appendix)". In: *Some Problems of Philosophy. A Beginning of an Introduction of Philosophy*. Pp.221-231. New York: Longmans, Green, and Co., 1916.

_____. (1907) "Pragmatism Conception of Truth". In: *Pragmatism. A new name for some old ways of thinking*. Pp.197-236. New York: Longmans, Green, and Co., 1908a.

_____. *The Meaning of Truth: A Sequel to 'Pragmatism'*. London, New York, Bombay and Calcutta: Longmans, Green, and Co., 1909b.

_____. (1907) "What Pragmatism Means". In: *Pragmatism. A new name for some old ways of thinking*. Pp.43-81. New York: Longmans, Green, and Co., 1908b.

KANT, I. (1781) *Kritik der reinen Vernunft*. Leipzig: Verlag Von Leopold Voss, 1880.

LLOYD, A. H. "Pragmatism and Metaphysics". *The Journal of Philosophy, Psychology and Scientific Methods*. Volume 14, N.º 18, pp.477-483, 1917.

MENAND, L. *The Metaphysical Club: A Story of Ideas in America*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2001.

PEIRCE, C. S. (1878) "How to Make Our Ideas Clear". In: *Philosophical Writings of Peirce*. Sel. and ed. Justus Buchler. Pp.23-41. New York: Dover Publications, 1955a.

_____. (1906) "Pragmatism in Retrospect: A Last Formulation". In: *Philosophical Writings of Peirce*. Sel. and ed. Justus Buchler. Pp.269-289. New York: Dover Publications, 1955b.

_____. (1902-1905) "The Essentials of Pragmatism". In: *Philosophical Writings of Peirce*. Sel. and ed. Justus Buchler. Pp.251-268. New York: Dover Publications, 1955c.

_____. (1877) "The Fixation of Belief". In: *Philosophical Writings of Peirce*. Sel. and ed. Justus Buchler. Pp.5-22. New York: Dover Publications, 1955d.

_____. (1905) "What Pragmatism is". In: *Selected Writings*. Ed. Philip P. Wiener. Pp.180-202. New York: Dover, 1966.

PIHLSTRÖM, S. *Pragmatist Metaphysics: An Essay on the Ethical Grounds of Ontology*. London: New York: Continuum, 2009.

POPKIN, R. H. *The History of Scepticism from Erasmus to Spinoza*. Berkeley: University of California Press, 1979.

RORTY, R. *Contingency, Irony, and Solidarity*. New York: Cambridge University Press, 1989.

RUSSELL, B. "As a European Radical Sees It". *The Freeman*. 4, pp.608-10, 1922.

SCHILLER, F. C. S. *Studies in Humanism*. Pp.1-21. 2.^a ed. London: MacMillan and Co., 1912.